



SEÇÃO: RESENHA

O conservadorismo da radicalidade? As experiências radicais na filosofia francesa do século XX

The conservatism of radicalism?
Radical experiments in 20th century French philosophy
Le conservatisme du radicalisme?
Expériences radicales dans la philosophie française du 20e siècle
Diogo Silva Corrêa¹
dioscorrea@gmail.com

 MADELRIEUX, Stéphane. *Philosophie des expériences radicales*. Paris: Éditions de Seuil, 2022.

Recebido em: 31 maio 2023.

Aprovado em: 7 ago 2023.

Publicado em: 24 nov 2023.

No início do século XX, foram ao menos duas as grandes estratégias por meio das quais se tentou combater a metafísica tradicional. Uma primeira, influenciada sobretudo por autores como Heidegger e Wittgenstein, procurou estabelecer uma filosofia do ordinário (CAVELL, 1998; HAAR, 1989; LAUGIER, 1999; MOI, 2017). Sua característica principal foi a tentativa de diluir as entidades tidas pela metafísica tradicional como transempíricas e transcendentais (Deus, alma, vida etc.) na experiência cotidiana, entendida como o lócus privilegiado de formação de todo sentido e valor. Conceitos como *ser no mundo*, *forma de vida* e *jogo de linguagem* foram sistematicamente mobilizados para reconduzir o pensamento ao seu lugar de origem, isto é, à cotidianidade, revalorizada então como o lugar primário de doação de todo sentido. Assim, no lugar de um discurso que visava a um mundo inteligível e à parte, para além de toda e qualquer experiência, essa primeira corrente de autores buscou mobilizar os níveis existencial e pragmático, com o propósito de evidenciar o primado da prática sobre a teoria, do mundo da vida (*lebenswelt*) sobre o pensamento abstrato.

Uma segunda estratégia visou à superação da metafísica não tanto diluindo entidades transcendentais na cotidianidade do mundo da vida, mas notadamente concedendo uma nova dignidade filosófica às experiências excepcionais. Buscando não o banal ou o comum, mas o extremo e o radical, essa via deslocou a metafísica do universo transcendente do inteligível para o mundo imanente e sensível da experiência. Focalizando as experiências extremas e excepcionais, essa segunda estratégia apostou que o metafísico não se encontra alhures, mas, ao contrário, habita o universo do que pode ser experimentado, do que pode ser sentido,


 Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
¹ Universidade Vila Velha (PPGSP-UVV), Vila Velha, ES, Brasil.

ou seja, o universo da experiência; e apostou que é neste último que podemos encontrar o modo de acesso à (autêntica e verdadeira) realidade. No lugar de uma filosofia do ordinário, estabeleceu-se um empirismo metafísico.

É essa segunda corrente o objeto de tematização de *Philosophie des expériences radicales*, livro recém-publicado pelo filósofo pragmatista e professor da Universidade de Lyon III, Stéphane Madelrieux. Nessa obra, encontramos uma maneira original e inovadora de ler a filosofia francesa do século XX. Sem abordá-la por caminhos tradicionais, tais como a sucessão cronológica de gerações (1860, 1900, 1900 etc.), conceitos típicos (espírito e vida; existência e transcendência; dialética e práxis; estrutura e descontinuidade; diferença e desconstrução etc.), correntes hegemônicas (espiritualismo bergsonianos; filosofias da vida; existencialismos; hegelianismos; marxismos; estruturalismo; epistemologia histórica; pós-estruturalismo ou pós-modernismo etc.), Madelrieux elege seis autores franceses, todos do século XX, para, em seguida, analisá-los pelo prisma do "empirismo metafísico". O que interessa a Madelrieux é apontar a presença de um programa inédito, não trabalhado na literatura filosófica, que amarra experiência e metafísica e que explica uma parte importante da filosofia do século XX, notadamente na França.

Embora Madelrieux reconheça a existência de uma tendência contemporânea – disseminada no senso comum e presente em parte da literatura filosófica – de valorização das experiências excepcionais, o seu livro se volta para as filosofias do século XX que procuraram dar a tal tendência uma expressão mais clara e sistemática. Por isso, Madelrieux sustenta que seu livro pretende ser um "exame tão sistemático quanto possível" (p. 15) do empirismo metafísico.

Ainda na introdução do livro, Madelrieux aborda a questão do empirismo metafísico, não sem reconhecer, logo de cara, um aparente paradoxo: como o empirismo, uma corrente filosófica reconhecidamente antimetafísica em sua origem, teria se tornado, ela própria, fonte de e para uma nova metafísica? Como se sabe, Locke, Berkeley

e Hume fizeram da experiência o grande instrumento da crítica da metafísica tradicional. Eles procuraram produzir avanços no saber reorientando os esforços da filosofia na direção de objetos suscetíveis de serem estudados pela observação e pela experimentação. Assim, realizaram uma crítica radical da metafísica, recusando a ideia de que seria possível fundar o conhecimento de maneira exclusivamente especulativa.

O empirismo clássico, em sua versão inglesa, teria assim obliterado a propensão especulativa do espírito humano ao limitar o conhecimento ao universo sensível da experiência. Teria, portanto, restringido à filosofia o acesso a uma ordem superior de realidade. No melhor dos casos, o filósofo seria aquele dotado de um saber mais preciso, reflexivo e metódico do que aquele do senso comum.

Acontece que, segundo Madelrieux, o empirismo francês (aquele para o qual se volta o seu livro) teria, de modo distinto ao empirismo clássico inglês, reintroduzido uma (nova) metafísica no seio da experiência. Tal empirismo mantém-se metafísico, visto que afirma ser capaz de revelar por trás das aparências uma realidade superior e mais fundamental; e radical, uma vez que concebe que tal acesso à realidade não pode advir de experiências cotidianas e ordinárias, mas de experiências excepcionais ou extremas.

No entanto, diferentemente da metafísica clássica, que supunha ultrapassar os limites da experiência a partir de um gesto especulativo da razão, os empiristas radicais se mantêm "empiristas" e buscam – e encontram – o metafísico não alhures, mas no plano imanente das experiências. É por isso que Madelrieux afirma que o empirismo metafísico é fruto de um "gesto de imanentização da diferença metafísica entre aparência e realidade dentro do plano da experiência" (p. 236).

O empirismo metafísico é por Madelrieux caracterizado, antes de tudo, como um modo particular de lidar com as experiências radicais. Estas, em vez de meras disrupções para com o rotineiro e o habitual, são concebidas como capazes de dar acesso a uma realidade (metafísica) superior, isto é, fazer "tocar o dedo numa

realidade mais profunda do que a realidade ordinária" (p. 12). Tais filosofias do século XX teriam por característica principal defender, de maneira extremamente articulada, a tripla tese segundo a qual as experiências excepcionais têm um valor ontológico, epistêmico e moral elevado: ontológico, porque comportariam mais realidade e seriam mais autênticas do que as experiências ordinárias; epistêmico, dado que tais experiências nos trariam verdades a que não temos acesso via percepção natural e cotidiana; por fim, moral, uma vez que as experiências radicais nos permitem ascender a um modo de existência ou a uma forma de vida diferente e superior. Assim, para os empiristas radicais, explica Madelrieux, tudo se passa como se nós tivéssemos dois regimes de experiência, um com o pé nas experiências ordinárias e outro com o pé nas experiências metafísicas e supremas. E seria nestas últimas que encontraríamos o sentido da existência, o acesso à realidade que nos é escondida e o sumo bem de nossas vidas.

Mas quem seriam, então, os empiristas metafísicos escolhidos por Madelrieux? Por acaso haveria, entre eles, distinções importantes e dignas a serem destacadas?

O professor de Lyon III discerne um primeiro trio de pensadores, aos quais dedica a primeira parte de seu livro: Henri Bergson, Jean Wahl e Gilles Deleuze. O caráter metafísico desses empiristas radicais consistiria no convite que fazem a uma regressão em direção às "experiências puras", isto é, experiências dotadas de três propriedades fundamentais: imediatidade, simplicidade e prioridade (prioridade no sentido de serem ontologicamente primeiras). Um dos exemplos que Madelrieux mobiliza como forma de ilustrar tal gesto de ascese é de ordem ética, subtraído da filosofia de Henry David Thoreau. Assim como o filósofo naturalista estadunidense teria proposto uma simplificação da vida, propiciada por meio da retirada de mediações civilizatórias, com o objetivo de retomar o contato direto com a realidade, os filósofos da experiência pura teriam feito um semelhante gesto, propondo uma purificação da experiência por meio da eliminação

de intermediários que encobrem um plano de realidade mais profundo e, ao mesmo tempo, superior. Em uma formulação sintética, assim Madelrieux a define: "a experiência pura é o que permanece quando se subtrai da experiência ordinária todas as intervenções e adições de nosso espírito" (p. 56).

Porém, como é possível realizar (e quando poderia ocorrer) a subtração da experiência ordinária das intervenções e adições que nosso organismo produz para, na sua relação com o mundo, satisfazer as suas necessidades rotineiras e habituais? A experiência de bebês recém-nascidos, de pessoas em estado de coma ou em meio a estados de consciência alterados em função do uso de psicotrópicos é frequentemente invocada pelos empiristas da experiência pura, por serem capazes de produzir, no organismo, uma eliminação da experiência em geral e cotidiana de todas as suas determinações e necessidades usuais. Nesse sentido, Madelrieux afirma que a experiência procurada pelos empiristas radicais é a experiência enquanto experiência, a experiência desprovida de misturas, deformações, aquela a quem da qual não existe experiência. No jogo dos empiristas puros, quanto mais imaculada e mais imediata, maior é a dignidade ontológica da experiência. Inversamente, quanto mais qualificação, determinação, distinção, classificação e categorização, afirma Madelrieux, o "acesso direto ao ser enquanto ser (ser simples, ser primeiro) é perdido" (p. 74)

A primeira parte do livro, na qual Madelrieux expõe de modo sistemático a noção de experiência pura, é dividida em quatro capítulos. Todos retraçam movimentos que as filosofias de Bergson, Wahl e Deleuze realizaram na busca pelo gesto depurativo capaz de produzir um "retorno na direção do concreto". O primeiro capítulo consiste na apresentação de um empirismo superior, que pode ser chamado de transcendental (Deleuze), novo (Wahl) ou verdadeiro (Bergson). O segundo capítulo trata das estratégias que tais autores levaram à cabo como forma de purificar (e depurar) a experiência. O terceiro capítulo se dedica à apresentação da oposição bergsoniana

entre o esportista (o exemplo maior do homem prático voltado para as necessidades utilitárias de sua vida cotidiana) e o artista (aquele que toma as coisas não em seu aspecto prático, mas por si mesmas). O quarto, enfim, volta-se para a exposição dos dualismos presentes na obra de Gilles Deleuze, dualismos (de regimes de pensamento, de imagens e do empírico e do transcendental) que, em alguma medida, reproduzem e são homólogos àqueles da filosofia bergsoniana.

O segundo trio destacado, para o qual Madelrieux dedica a segunda parte de seu livro, reúne Georges Bataille, Maurice Blanchot e Michel Foucault e é definido pela ideia de "experiências-limite". Se a experiência pura é obtida graças a gestos de depuração e ascese, as experiências-limite são obtidas por meio do excesso, da transgressão (de normas) e do aumento de intensidade (para além do suportável). Afirma Madelrieux que à imediatidade da experiência, por meio da pura eliminação de todas as mediações, dos empiristas puros corresponde a ilimitação da experiência, por meio da transgressão de todos os limites, dos empiristas da experiência-limite. Embora a experiência-limite seja sempre "a experiência que vai até o fim do possível e é aquela além da qual não há mais experiência", ela não é, segundo Madelrieux, unívoca e pode ser dada de três maneiras. Uma primeira, mais óbvia, é realizada pelo ato propriamente de transgressão dos limites ordinários. A exploração do limite, aqui, consiste na violação de uma experiência tida como "normal", habitual e rotineira. Exemplo disso é a noção de literatura em Blanchot. Se a linguagem, em nossa experiência cotidiana, serve como instrumento de comunicação e mantém sempre uma aderência com o mundo, a literatura blanchotiana deve se separar da linguagem ordinária até o ponto em que ela não faz mais referência ao mundo e deve ser experiência da linguagem em si, ou seja, até o limite de sua possibilidade. Uma segunda maneira de exploração do limite seria aquela que desdobra ou que intensifica uma experiência "normal" até o fim de seu próprio limite. Tal é a noção de desperdício ou de dispêndio suntuária de Bataille: trata-se do excesso que é interdito

ou mesmo reprimido em momentos ordinários, mas que se torna autorizado e, por vezes, até mesmo encorajado nos momentos de festa ou rituais. Uma terceira maneira, por fim, concerniria a experiência que, embora nunca alcance o limite absoluto, tende para ele, como no caso da morte (ver p. 224).

Assim como a primeira, a segunda parte do livro de Madelrieux tem quatro capítulos. A atração pelos limites, título da segunda parte, é abordada já no primeiro capítulo: a loucura, o sagrado e a literatura são apresentadas como expressões de uma paixão pelas experiências-limite. No segundo capítulo, Madelrieux faz uma exposição do modo como Bataille, Blanchot e Foucault exploram as formas extremas da vida (sobretudo a morte e a experiência mística). No terceiro capítulo, é a obra de Bataille que é exibida pelo prisma do erotismo e como uma forma particular de bergsonismo *noir*. No quarto capítulo, por fim, Foucault e Blanchot são exibidos em sua busca radical pelo absoluto literário, principalmente a partir da relação que estabelecem entre loucura e escrita.

Com a exposição sistemática das duas subvariantes do empirismo metafísico, Madelrieux evidencia como ambas (a experiência pura e o limite), apesar de poderem ser caracterizadas por uma série de oposições (regressão vs transgressão; retorno vs ultrapassamento; ascese vs excesso; minimalismo vs maximalismo; origem primeira vs fim último; nascimento vs morte; quem vs além etc.) convergem em uma crítica à experiência cotidiana e ordinária. Para ambas existe uma oposição entre o verdadeiro e o pragmático ou o utilitário, visto que as verdades produzidas pela experiência cotidiana seriam menores e sempre parciais, já que relativas ao conjunto de crenças que nós, humanos, desenvolvemos para satisfazer as nossas necessidades. Assim, Madelrieux demonstra, de forma convincente, que o empirismo metafísico é um antipragmatismo radical, uma máquina de guerra antiutilitarista. Por isso, como Madelrieux bem sintetiza,

[...] do ponto de vista da experiência pura, a experiência ordinária é uma experiência me-

diana, no sentido em que ela é carregada de mediações que são meios para os seres humanos viverem em seu ambiente natural e social, mas que os impedem na realidade de viver uma existência superior; do ponto de vista da experiência-limite, a experiência ordinária é uma experiência razoável e moderada, na medida em que ela é constituída pelas limitações que nos permitem, de um outro modo, viver tranquilamente, mas que nos impedem de viver plenamente, de ir até o fim das nossas possibilidades de vida (p. 15).

Após a exposição sistemática, nas partes um e dois de seu livro, das duas principais subvariantes que habitam o interior do empirismo metafísico, Madelrieux recupera, no primeiro capítulo da terceira parte do livro, a unidade do "programa de pesquisa" (conceito que é tomado de empréstimo do filósofo da ciência Imre Lakatos) do empirismo metafísico. Em seguida, Madelrieux reintroduz uma outra divisão filosófica fundamental, sobre a qual já em *Philosophie des expériences radicales* delineia contornos, mas que decerto será trabalhada e desenvolvida de forma mais sistemática no próximo livro que ele anuncia. Essa divisão refere-se àquela entre os empiristas naturalistas e os empiristas metafísicos. A partir dela, Madelrieux deixa clara a sua crítica em relação ao programa de pesquisa em torno do empirismo metafísico e explica o motivo de sua simpatia pelo empirismo naturalista.

Ainda que Madelrieux reconheça a importância e o valor heurístico das experiências excepcionais, ele reprova o fato de o empirismo metafísico renovar, mesmo que agora na imanência da experiência, os dualismos tão criticados pelos próprios empiristas na metafísica clássica. Afinal de contas, argumenta Madelrieux, esse empirismo metafísico, embora tenha uma aparência de radical e transgressivo, acaba sendo duplamente conservador. Do ponto de vista metafísico, ele preserva um dualismo rígido, separando, assim como a metafísica clássica, duas ordens não por diferença de grau, mas sim por diferença de natureza: o regime de experiência ordinário, cotidiano e tido como inferior; e o regime de experiência excepcional, extremo, tido como superior. Com isso, o empirismo metafísico acaba sendo igualmente conservador do ponto de vista

prático, pois não permite qualquer compreensão "meliorista", para retomar a feliz expressão de William James, da experiência.

Toda a tradição do perfeccionismo moral, própria ao pragmatismo (LAUGIER, 2010), é assim deixada de lado pelos empiristas metafísicos em prol de uma espécie de aristocratismo das experiências excepcionais. Madelrieux pergunta-se então: como, se levamos a sério essas rígidas divisões dos empiristas metafísicos entre o ordinário e o excepcional, podemos imaginar uma melhoria ou um aperfeiçoamento progressivo de nós mesmos e de nossa existência ordinária? Se os empiristas metafísicos propõem que saíamos da caverna do nosso cotidiano e das nossas experiências ordinárias para encontrarmos um outro mundo, num novo regime de experiência, o que fazer com as experiências ordinárias, a não ser desprezá-las? Como propor uma filosofia que reconheça que a distinção entre as experiências ordinária e excepcional é, em si mesma, ordinária, não podendo, portanto, ser absolutizada numa diferença de natureza e de ordem metafísica? Como é possível restabelecer a continuidade entre a vida ordinária e a experiência estética e considerar, como John Dewey, que a vida ordinária já dispõe de elementos estéticos que a arte pode levar até as últimas consequências? Diante disso, a proposta de Madelrieux – que, não esqueçamos, é ele próprio um filósofo pragmatista que já dedicou um livro à filosofia de William James (MADELRIEUX, 2008) e outro à de John Dewey (MADELRIEUX, 2016) – é desradicalizar a experiência, desfazendo a diferença radical proposta pelos empiristas metafísicos entre o excepcional e extremo e o ordinário e cotidiano. Bom, por ora, cabe a nós destacarmos e felicitarmos a excepcionalidade presente no livro de Madelrieux, ficando já à espera do segundo volume, em preparação.

Referências

CAVELL, Stanley. *Quest of the Ordinary: Lines of Skepticism and Romanticism*. Chicago: Chicago University Press, 1988.

HAAR, Michel. L'énigme de la quotidienneté. In: COMETTI, Jean-Pierre; JANICAUD, Dominique (dir.). *Être et temps de Martin Heidegger: questions de méthode et voies de recherche*. Marseille: Sud, 1989.

LAUGIER, Sandra (ed.). *La voix et la vertu: variétés du perfectionnisme moral*. Paris: PUF, 2010.

LAUGIER, Sandra. *Du réel à l'ordinaire*. Paris: Vrin, 1999.

MADRELRIEUX, Stéphane. *La philosophie de John Dewey*. Paris: Vrin, 2016.

MADRELRIEUX, Stéphane. *Philosophie des expériences radicales*. Paris: Éditions de Seuil, 2022.

MADRELRIEUX, Stéphane. *William James: l'attitude empiriste*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008

MOI, Tori. *Revolution of the Ordinary: Literary Studies after Wittgenstein, Austin, and Cavell*. Chicago: University of Chicago Press, 2017..

Diogo Silva Corrêa

Doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). É atualmente professor convidado na École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha (PPGSP-UVV). É coordenador do Laboratório de Estudos de Teoria e Mudança Social (Labemus, UFPE/UVV) e membro associado do Centre d'Études des Mouvements Sociaux (CEMS-EHESS).

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.